

Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico

Rogério Tilio¹
UFRJ

Resumo:

Este texto revisita a teoria da Análise Crítica do Discurso, conforme proposta em Chouliaraki & Fairclough (1999) e retomada em Fairclough (2001). Trata-se de um instrumental teórico-metodológico importante para a análise de discursos por contemplar não apenas a análise linguística, mas também a crítica social e o momento sócio-histórico da contemporaneidade. Além disso, seu entendimento de *linguagem* segue uma proposta multimodal, considerando suas várias semioses.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso, linguagem, texto

Abstract

This text revisits Critical Discourse Analysis theory, as stated in Chouliaraki & Fairclough (1999) and further discussed in Fairclough (2001). It is an important theoretical and methodological apparatus to analyze discourse since it is concerned not only about linguistic analysis, but also social issues and the contemporary sociohistorical moment. Besides, it understands *language* from a multimodal perspective, considering its various semioses.

Key words: Critical Discourse Analysis, language, text

1. Introdução

Este artigo, de cunho teórico, tem como objetivo reunir as principais ideias da teoria da Análise Crítica do Discurso, conforme proposta em Chouliaraki & Fairclough (1999) e retomada em Fairclough (2001). Reconhecendo a centralidade do discurso na vida social (Fairclough, 1992), pois qualquer ação no mundo se dá a partir do discurso e através dele, destaco a Análise Crítica do Discurso dentre tantos modelos de análises de discursos por considerá-la um instrumental teórico-metodológico importante para este tipo de análise, uma vez que contempla não apenas a análise linguística, mas também a crítica social e o momento sócio-histórico da contemporaneidade. Além disso, sua concepção transdisciplinar não restringe a um modelo de análise estático e engessado, permitindo o diálogo com diversas outras teorias que se alinhem aos seus pressupostos (Bakhtin, 1929, 1979; Foucault, 1979).

¹ Doutor em Estudos Linguísticos (PUC) e Professor Adjunto da UFRJ.

Finalmente, seu entendimento de *linguagem* segue uma proposta multimodal (Kress & van Leeuwen, 2001), considerando suas várias semioses, e sistêmico-funcional (Halliday & Hasan, 1989), entendida em suas dimensões social, interpessoal e linguística.

2. A Análise Crítica do Discurso: pressupostos teóricos

Entendemos a Análise Crítica do Discurso tanto como teoria quanto método: como um método de análise de práticas sociais com interesse específico nos momentos discursivos que unem preocupações teóricas e práticas às esferas públicas, onde as formas de análise “operacionalizam” – tornam práticas – teorizações sobre o discurso na vida social (da modernidade tardia), e a análise contribui para o desenvolvimento e elaboração dessas teorias (Chouliaraki & Fairclough, 1999).

Minha opção pela Análise Crítica do Discurso como instrumental teórico-metodológico para a análise de discursos se explica por esta se estabelecer em três direções: a crítica social, a contemporaneidade e a teoria multimodal de análise de linguagens e semioses (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Além disso, cabe ressaltar que o modelo teórico-metodológico abre espaço para uma análise de perspectiva sócio-histórica (Vygotsky, 1978 [1998]), entendendo sua função na realidade pós-moderna que caracteriza nossa contemporaneidade.

A Análise Crítica do Discurso enfoca a desigualdade social e as formas pelas quais textos são usados para denotar poder e ideologia. Ao entender tais relações, a análise pode “descrever e explicar como o abuso de poder é incorporado, reproduzido e legitimado pelo texto e pelo discurso de grupos e instituições dominantes” (van Dijk, 1996) ao representar atores sociais de maneiras específicas no discurso (van Leeuwen, 1996). Seu objetivo não é apenas analisar textos para investigar relações de poder, mas também encontrar formas de retrabalhar a desigualdade (Martin, 2000). Desde seus primórdios, seu projeto político tem sido o de modificar distribuições desiguais de bens culturais, políticos e econômicos nas sociedades contemporâneas (Kress, 1996).

A Análise Crítica do Discurso pode ser entendida como uma forma de análise que conecta a análise textual a contextos sociais e interacionais mais amplos, com o objetivo de mostrar “como a língua participa de processos sociais” (Fairclough, 2001, p. 229). Segundo Fairclough (2001), a análise pode ser chamada de crítica por “ter o objetivo de mostrar maneiras não-óbvias pelas quais a língua envolve-se em relações sociais de poder e

dominação e em ideologias” (Fairclough, 2001, p. 229). A linguagem está sempre presente em tais relações, mas nem sempre a intenção no seu uso é óbvia; o papel da Análise Crítica do Discurso é o de tornar visível o não-óbvio, revelando questões de poder e ideologias em análises textuais – multimodais – em contextos reais de uso da linguagem (Martin, 2000). Sua principal função é tentar discernir relações entre a linguagem e outros elementos da vida social, sempre preocupada com mudanças sociais contínuas, mesmo que tais mudanças afetem apenas contextos micros e locais.

Ela [a Análise Crítica do Discurso] é crítica, primeiramente, no sentido de que busca discernir conexões entre a língua e outros elementos da vida social que estão normalmente encobertos. Entre eles: como a língua aparece em relações de poder e dominação; como a língua opera ideologicamente; a negociação de identidades pessoais (sic) e sociais (continuamente problematizadas através de mudanças na vida social) em seu aspecto lingüístico e semiótico. Em segundo lugar, ela é crítica no sentido de que está comprometida com mudanças sociais contínuas (Fairclough, 2001, p. 230).

Para trabalhar dentro desta perspectiva, assume-se um conceito semiótico de linguagem (Kress & van Leeuwen, 2001), segundo o qual ela pode ser definida como qualquer forma de produção de significados (Fairclough, 2001), incluindo a linguagem verbal e outras semioses (sistemas de significação), tais como imagens, gestos, e quaisquer formas de linguagem não-verbal. Esse conceito, sempre situado socialmente, é fundamental na Análise Crítica do Discurso, pois seu ponto de partida são questões, expressas pela linguagem no discurso, que preocupem sociólogos, cientistas políticos ou educadores (Fairclough, 2001; Martin, 2000).

Por isso mesmo, a Análise Crítica do Discurso deve ser entendida como interdisciplinar e interdiscursiva, estabelecendo um diálogo entre a Lingüística e a Semiótica, incluindo a Análise do Discurso, e a Teoria Social, preocupada com a teorização dos processos sociais e a articulação de mudanças (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2001). Além disso, a interdiscursividade também se faz necessária para relacionar sociologicamente a análise lingüística sistêmico-funcional a processos mais amplos de transformação social presentes em sociedades contemporâneas (Chouliaraki & Fairclough, 1999).

Mais do que interdisciplinar, Fairclough (2001) advoga que a Análise Crítica do Discurso assume um caráter transdisciplinar, em que ela não apenas se utiliza de conhecimentos de outras áreas, mas também produz conhecimento a partir desta interdisciplinaridade. Dessa forma, a Análise Crítica do Discurso produz teorias próprias, que sintetizam outras teorias na mediação entre o social e o lingüístico (Chouliaraki & Fairclough,

1999).

A importância de tal interdisciplinaridade explica-se pelo espaço ocupado pela linguagem na vida social contemporânea. Uma maior conscientização crítica, a reflexividade que caracteriza a pós-modernidade (Beck, 1997; Giddens, 1997), leva, inevitavelmente, a mudanças no papel desempenhado pela linguagem na vida social (Fairclough, 2001). Nessa sociedade, conhecimento e linguagem tornam-se bens (Lyotard, 1998), e seu uso consciente pode manipular indivíduos. Fairclough (1996) adverte para a tecnologização do discurso: tentativas conscientes de controle institucional através do discurso.

É importante ressaltar aqui que, devido aos discursos contemporâneos da globalização, a língua inglesa vem sendo apontada como a língua global (Fairclough, 2001). Esse inglês global (*global English*) tem como característica a “globalização de formas específicas de representar o mundo – ‘discursos’ – e de interagir – ‘gêneros’” (Fairclough, 2001, p. 231). Dessa forma, considerar a língua inglesa como a língua global leva ao surgimento de uma ordem do discurso global (Fairclough, 2001).

Pelo exposto acima, pode-se dizer que a Análise Crítica do Discurso não é apenas uma preocupação acadêmica; ela faz parte da modernidade reflexiva, em que economia e sociedade são a origem das questões da contemporaneidade. Ela pretende analisar, portanto, não apenas as características linguísticas dos textos, mas também as relações sociais envolvidas na sua interação com os leitores e as relações econômicas que determinam sua produção e circulação. Afinal, uma teoria crítica deve considerar questões do período sócio-histórico sendo estudado (Fairclough, 2001).

Para entender melhor seus pressupostos, discuto brevemente, a seguir, as bases teóricas da Análise Crítica do Discurso. O conceito de Análise Crítica do Discurso proposto por Fairclough (2001) é produto de três influências principais: (1) o Marxismo Ocidental, que enfatiza aspectos culturais da vida social ao entender que as relações de dominação e exploração são determinadas e perpetuadas cultural e ideologicamente; (2) Michel Foucault, que definiu discurso, não apenas a linguagem, como um sistema de conhecimento que tem como objetivo controlar a sociedade através da regulação do saber e do exercício do poder; e (3) Mikhail Bakhtin, para quem a linguagem é sempre utilizada de forma ideológica.

O chamado Marxismo Ocidental é a origem do aspecto crítico da Análise Crítica do Discurso, ao enfatizar que as relações de dominação na sociedade são estabelecidas e mantidas culturalmente e socialmente (Fairclough, 2001). É importante ressaltar que o

conceito de ideologia adotado por Fairclough (2001, 1992) não é o mesmo utilizado pelo Marxismo Clássico, em que a ideologia é entendida como uma forma de opressão da classe dominante sobre a classe dominada. Ao invés, deve ser entendida como plural e presente em diversos momentos da vida social – através dos *aparelhos ideológicos do Estado*, que visam regular a sociedade (Althusser, 1971). Dessa forma, segundo Althusser (1971), ideologias posicionam as pessoas como sujeitos sociais. A partir dessa idéia, Pêcheux (1982) elabora sua teoria de discurso, em que a linguagem constrói os sujeitos ideologicamente.

No entanto, os indivíduos não estão inevitavelmente sujeitos a uma ideologia dominante; lutas hegemônicas, ou seja, lutas pelo poder, estão constantemente presentes na vida social. Em uma visão hegemônica (Gramsci, 1971), as relações de poder são aceitas culturalmente e ideologicamente como parte do senso comum, e não impostas. Podem, portanto, ser contestadas a qualquer momento, mesmo que localmente.

Ainda como influência do Marxismo Ocidental, mais especificamente da Escola de Frankfurt (autor), surge o conceito de crítico nas Ciências Sociais, elemento fundamental na Análise Crítica do Discurso. Para a Escola de Frankfurt, a cultura não é um mero reflexo da economia; a cultura tem efeitos na vida social, além de ser também considerada um local de disputas (Fairclough, 2001). Outro teórico com contribuições para a teoria crítica foi Habermas (1984), que desenvolveu uma teoria de base crítica na qual a comunicação tem um poder emancipatório (Fairclough, 2001).

Além do Marxismo Ocidental, a Análise Crítica do Discurso também recebeu influências dos trabalhos de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. Para Foucault (1972), discursos são sistemas de conhecimento que incorporam o poder. Dessa forma, todo discurso está impregnado com o poder, em maior ou menor grau, e pode servir para regular a sociedade, pois regulam o conhecimento disponível. Sendo a linguagem um importante elemento do discurso, embora não o único, deve-se reconhecer que o uso da linguagem ocupa um papel de destaque na sociedade. O trabalho de Foucault (1972) é, por isso, seminal em análise do discurso, e “um importante ponto de referência para a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001, p. 233).

Finalmente, outra influência na Análise Crítica do Discurso é o trabalho de Bakhtin (1929), o primeiro a propor uma teoria lingüística de ideologia, segundo a qual a linguagem é sempre usada de forma ideológica. Segundo ele, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência (1929 [2002, p. 36]), pois “funciona como elemento essencial que acompanha toda

criação ideológica, seja ela qual for” (1929 [2002, p. 37]) e “acompanha e comenta todo ato ideológico” (1929 [2002, p. 37]), estando “presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (1929 [2002, p. 38]). Sendo assim, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (Bakhtin, 1929 [2002, p. 95]).

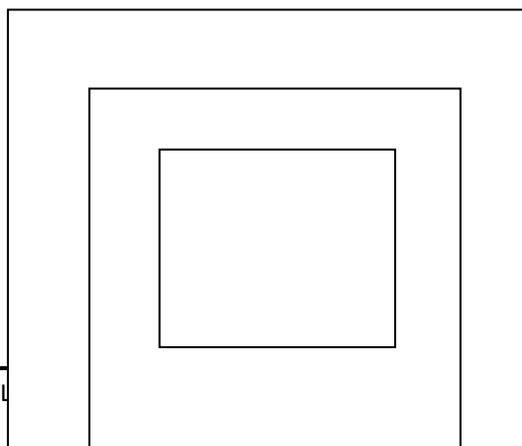
O dialogismo, ou intertextualidade (Kristeva, 1986), idéia de que um texto é sempre um intertexto conectado a uma cadeia de textos com os quais está sempre em diálogo, é outra contribuição do trabalho de Bakhtin à Análise Crítica do Discurso.

A enunciação monológica fechada constitui, de fato, uma abstração. A concretização da palavra só é possível com a inclusão dessa palavra no contexto histórico real de sua realização primitiva. (Bakhtin, 1929 [2002, p. 103])

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. (Bakhtin, 1929 [2002, p.106])

O trabalho de Bakhtin também inspirou a Análise Crítica do Discurso com a noção de gêneros (Bakhtin, 1979), uma teorização a respeito dos tipos de textos presentes ou disponíveis em uma determinada cultura. Qualquer texto deve seguir necessariamente moldes estabelecidos social e culturalmente, embora novos gêneros possam ser criados a partir da combinação de gêneros existentes. Segundo Bakhtin, um gênero secundário incorpora e transforma diversos outros gêneros.

Este modelo de Análise Crítica do Discurso só pode ser entendido se adotarmos uma concepção tridimensional do discurso (Fairclough, 1992). Segundo esta concepção tridimensional, o discurso é composto basicamente de três elementos: textual, discursivo e social. Dessa forma, não se pode pensar textos fora dos contextos discursivos e sociais em que circulam; não se pode, portanto, ao fazer análise do discurso, analisar um texto sem considerar as práticas discursivas e sociais que envolvem tal texto. O diagrama a seguir ilustra essa concepção tridimensional do discurso.



texto

prática discursiva

prática social

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso

Nessa concepção, toda produção lingüística – texto – está envolvida por processos de produção, distribuição e consumo (do texto) – práticas discursivas – que, por sua vez, variam de acordo com fatores sociais – práticas sociais. Com essa concepção tridimensional do discurso em mente, Fairclough (2001) elaborou o modelo de Análise Crítica do Discurso aqui adotado.

A Análise Crítica do Discurso considera não apenas a análise textual, mas também a análise interacional (práticas discursivas) e ainda análises sociais de natureza variada (práticas sociais). Segundo Fairclough (2001, p. 229),

seu objetivo é mostrar como a linguagem atua em processos sociais. Ela [a análise] é crítica no sentido de que seu objetivo é mostrar caminhos não-óbvios pelos quais a linguagem se envolve em relações de poder e dominação e em ideologias.

É importante ressaltar ainda que, consoante com a Lingüística Sistemico-Funcional (Halliday & Hasan, 1989), a Análise Crítica do Discurso trabalha com um modelo semiótico de linguagem, em que a linguagem é analisada não apenas em seu componente lingüístico, mas também no extra-lingüístico – o que pode ser de grande importância para a análise de livros didáticos, em especial. Segundo Fairclough (2001, p. 234), a “análise crítica do discurso é a análise dialética entre elementos semióticos (inclusive a linguagem) e outros elementos presentes nas práticas sociais”, entre os quais relações sociais, identidades sociais e valores culturais.

Dentro desta perspectiva de que semioses (Fairclough, 2001; Kress & van Leeuwen, 1996, 2001) são todas e quaisquer formas de produção de significados, conclui-se que toda prática social possui elementos semióticos. Práticas sociais, por sua vez, são práticas de

produção, “arenas nas quais a vida social é produzida” (Fairclough, 2001, p. 234)². Essas práticas sociais podem ser de natureza econômica, política, cultural ou cotidiana. Toda prática social inclui atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais e semioses (formas de produção de significados; linguagem em seu sentido mais amplo, incluindo signos verbais e não verbais). Todos esses elementos estão inter-relacionados de maneira dialética (Harvey, 1992), ou seja, apesar de diferentes entre si, não são distintos, independentes uns dos outros; todos estão interligados de alguma forma, de maneira que um sempre internaliza e é internalizado pelos demais (Fairclough, 2001).

A Análise Crítica do Discurso é a análise das relações dialéticas entre semioses e outros elementos das práticas sociais. Sua preocupação principal é com mudanças no mundo contemporâneo, e várias semioses têm um papel fundamental nessas mudanças. No entanto, esse papel não pode ser simplesmente assumido; precisa ser analisado, investigado através de análise (Fairclough, 2001).

Antes de iniciar a análise, é preciso entender que as semioses estão presentes de duas formas em práticas sociais (Fairclough, 2001): como parte de uma atividade social dentro de uma prática e como representações de uma prática. Toda prática social engloba atividades sociais, e semioses fazem parte dessas atividades sociais. Por exemplo, escrever um livro didático (o objeto de investigação em minhas pesquisas atuais – cf. Tilio & Rocha, 2009; Tilio, 2010 [no prelo]) é uma atividade social que inclui múltiplas semioses (linguagem verbal, ilustrações...). Ao escrever esse livro, os autores não apenas produzem representações reflexivas (Beck, 1997; Giddens, 1997) de suas próprias práticas, como também produzem representações de outras práticas. Ou seja, semioses também funcionam como representações de práticas sociais, recontextualizando-as e incorporando-as a outras (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2001). Dessa forma, diferentes atores sociais incorporam diferentes representações de uma mesma prática social, pois assumem diferentes posicionamentos dentro destas práticas.

Às semioses enquanto parte da atividade social, à forma semiótica de agir produzindo vida social, dá-se o nome de *gênero*. Às representações das práticas sociais dá-se o nome de *discurso* (Fairclough, 2001). Diferentes atores sociais posicionados diferentemente representam a vida social de maneiras diferentes, produzindo discursos diferentes. Uma determinada configuração de práticas sociais constitui uma ordem social, e o aspecto

² Importante salientar aqui a mesma escolha lexical feita por Bakhtin, para quem “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin, 1929 [2002]).

semiótico da ordem social é uma *ordem do discurso* (Fairclough, 2001). A ordem do discurso é a estruturação dos gêneros e discursos dentro de uma determinada ordem social. Um de seus aspectos é a dominância de algumas formas de produzir significados sobre outras. Entretanto, uma ordem do discurso não é um sistema fechado; ela sempre pode ser contestada em lutas hegemônicas. Qualquer interação é, na verdade, um possível local de contestação de ordens do discurso (Fairclough, 2001).

3. Um modelo analítico para a Análise Crítica do Discurso

Chouliaraki & Fairclough (1999) entendem a Análise Crítica do Discurso como uma junção de teoria e método. Trata-se de um método de análise baseado em uma teorização própria, teorização essa que fornece subsídios para a análise proposta. Ao mesmo tempo, essas análises também fornecem novos subsídios para que suas teorias sejam repensadas e reelaboradas. Nessa retroalimentação constante, teoria e método se complementam e se tornam inseparáveis.

Devido a esse caráter dinâmico entre teoria e método, os autores discordam da necessidade de implementação de um modelo rígido de análise. Sabendo reconhecer suas vantagens, reconhecem também que tal rigidez comprometeria o caráter da Análise Crítica do Discurso. Entretanto, se não propusessem diretrizes de análise, estariam apenas discutindo teorias, o que também foge ao caráter da Análise Crítica do Discurso. Para resolver tal impasse, propõem um modelo analítico, adaptado de Bhaskar (1986), que incorpora as necessidades reconhecidas pela Análise Crítica do Discurso, mas não precisa ser seguido como um método. Ao invés de buscar categorias, o analista deve entender como as questões do modelo se fazem presentes no discurso a ser analisado e fazer todas as adaptações necessárias à análise.

Uma Análise Crítica do Discurso, segundo Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (2001), deve seguir, de forma esquemática, as etapas e sub-etapas enumeradas no Quadro 1.

**Quadro 1: Um modelo analítico para a Análise Crítica do Discurso
(Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough, 2001)**



- 1) Foco em um problema social dentro de perspectiva semiótica;
- 2) Identificação de obstáculos sociais para o problema em questão:
 - 2.1) Análise das práticas sociais e discursivas em que o problema está inserido;
 - 2.2) Análise semiótica da relação do problema com os demais elementos dentro das práticas em questão;
 - 2.3) Análise semiótica do discurso:
 - 2.3.1) Análise estrutural das ordens do discurso;
 - 2.3.2) Análise interacional entre texto e leitor:
 - 2.3.2.1) Análise interdiscursiva;
 - 2.3.2.2) Análise lingüística e semiótica;
- 3) Avaliação dos interesses da ordem social em não resolver o problema;
- 4) Propostas de possibilidades de mudanças para que os obstáculos identificados em 2 sejam superados;
- 5) Reflexão crítica sobre a análise.

É importante observar que, neste modelo, a análise não parte da simples intenção de se analisar a linguagem; não se trata da análise pela análise. Condizente com seu objetivo crítico de produção de conhecimento que possa levar a mudanças sociais, a análise parte de um problema social. Tal problema social poderá ser fruto de uma atividade ou de uma reflexão (Chouliaraki & Fairclough, 1999), e deverá envolver, necessariamente, um aspecto semiótico, ou seja, ser influenciado pelo uso de linguagem em suas múltiplas semioses. O objetivo da primeira etapa da análise é, portanto, delimitar o seu foco, que deve ser centrado em um problema social.

Em seguida, na segunda etapa, o analista deve identificar os obstáculos sociais que contribuem para estabelecer o problema em questão como um problema social. É preciso considerar não apenas obstáculos em práticas sociais locais, mas também questões globais, lembrando que, na contemporaneidade, a globalização pode afetar diretamente questões de nível local (Bauman, 1999; Giddens, 1999; Santos, 2000).

Trata-se da etapa mais complexa do modelo, pois tem como objetivo entender a origem do problema e sua inserção na organização social. Para isso, a análise enfoca os obstáculos que surgem à sua resolução – ou pelo menos os fatores que tornam mais fácil ou mais difícil lidar com o problema (Fairclough, 2001).

Na tentativa de identificar esses obstáculos, o modelo propõe três instâncias de análise.

A primeira contempla a contextualização do meio social, as conjecturas (Chouliaraki & Fairclough, 1999), ou seja, as práticas nas quais o problema está inserido. Não se pode analisar um texto sem contextualizar o meio social em que esse texto é produzido e circula. No caso de um livro, por exemplo, existe um comprometimento do autor com a editora; o autor é regulado pela editora, pois esta só publica aquilo que é de seu interesse. Em termos bakhtinianos, a voz do autor fica comprometida pela voz da editora. Mesmo que o autor tenha interesse em manifestar certas vozes, sua produção é regulada pelos interesses da editora (vários modelos econômicos e ideológicos estão aqui presentes, inclusive o modelo capitalista). A editora, por sua vez, é comprometida com as vendas. Nenhuma editora está interessada em publicar algo que não venda. O fator comercial é, portanto, um dos mais importantes para a editora, acima, muitas vezes, de questões ideológicas (embora a questão comercial não deixe de ser uma questão ideológica).

A segunda instância na identificação de obstáculos ao problema social analisa a(s) prática(s) em que o discurso está inserido, investigando a relação dialética entre a linguagem e os demais elementos presentes na prática em questão. Além de considerar o discurso enquanto atividade, o analista também deve entendê-lo como parte reflexiva da construção da prática. Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999), pode-se identificar quatro momentos principais em uma prática social: atividade material, como entonação de voz ou marcas no papel; relações e processos sociais, onde figuram as identidades sociais, as questões de poder e as instituições; fenômenos mentais, como valores e crenças; e discurso. Na análise de uma prática, os quatro momentos devem ser considerados.

A terceira instância na identificação dos obstáculos que se colocam para a resolução do problema é a análise do próprio discurso, pois o discurso em si é parte desses obstáculos (Fairclough, 2001). Duas perspectivas de análise caracterizam esse estágio (Chouliaraki & Fairclough, 1999): uma análise estrutural das ordens do discurso presentes na configuração do discurso, e uma análise interacional que entenda as relações estabelecidas entre texto e leitor no discurso.

Em qualquer prática social, certos discursos são mais influentes que outros, tornando-se discursos dominantes que marginalizam outros discursos. A chamada análise estrutural deve, portanto, discernir as relações de poder que afetam o discurso, revelando suas ideologias. Entretanto, não basta entender como o discurso estrutura as ordens do discurso, é preciso também mostrar o que realmente acontece quando o leitor interage com o texto, pois a

construção de significados só se concretiza na interação entre texto e leitor. O autor do texto pode tentar esboçar uma reação projetada do seu leitor, mas os significados só surgem, de fato, na interação.

Assim como a análise das ordens do discurso busca reconhecer as semioses disponíveis na prática social que se fazem presentes no discurso, a análise interacional quer entender como essas semioses interagem no discurso, construindo significados. Afinal, é no seu uso, ou seja, nas interações, que essas semioses podem ser transformadas.

Ao começar a análise interacional, é preciso lembrar que, ao escrever, o autor escreve para um leitor projetado, criando expectativas de como esse leitor projetado reagirá ao seu texto (Fairclough, 2001). Essa interação esperada pode até mesmo levá-lo a tentar induzir o leitor a certas reações, tentando obter um controle maior sobre a interação não mediada.

O objetivo da análise interacional é mostrar que o que acontece no texto interdiscursivamente é o mesmo que acontece na interação social. Isso é possível ao entender que um texto é uma materialização lingüística de certos gêneros e discursos presentes no mundo social. Um texto é construído a partir de escolhas de seu autor; tais escolhas refletem escolhas de ordens do discurso. Analogamente, o autor também faz escolhas de semioses e de como combinar essas semioses escolhidas, dando textura ao texto. Textos, portanto, refletem representações de mundo, relações sociais, identidades sociais e valores culturais. A análise textual é a análise de como textos atuam no estabelecimento de representações, relações, identidades e valores – no julgamento de valores (Fairclough, 2001).

A análise interacional engloba dois momentos: a análise interdiscursiva e a análise lingüística (Chouliaraki & Fairclough, 1999), lembrando que esta última é feita dentro de uma perspectiva multimodal (Kress & van Leeuwen, 1996, 2001), que considera um conjunto de semioses capazes de produzir significados. A análise interdiscursiva trabalha tanto paradigmaticamente, ao identificar os diferentes gêneros e discursos presentes em um texto, quanto sintagmaticamente, ao analisar como esses gêneros e discursos são trabalhados e relacionados no texto (Fairclough, 2001). Segundo Bakhtin (1929 [2002]), todo texto é híbrido, pois mistura diferentes gêneros e diferentes textos, embora o grau de hibridismo seja variável. A forma como um texto articula diferentes gêneros e discursos pode contribuir para a perpetuação de ordens do discurso ou pode possibilitar transformações locais (Fairclough, 2001).

Segundo Fairclough (2001), um texto pode ser dialógico, ao estabelecer uma

comunicação de mão dupla, ou monológico, estabelecendo uma comunicação unilateral. Em outras palavras, o texto pode se propor apenas a conduzir uma mensagem do seu transmissor para o seu receptor (cf. “modelo do conduite” – Kern, 2000) ou pode estabelecer um diálogo, no sentido bakhtiniano do termo (Bakhtin, 1929 [2002]), com o leitor e com outros textos (cf. “modelo da arquitetura dos sentidos” – Kern, 2000).

Quero, ainda, chamar a atenção para os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade (Bakhtin, 1929 [2002]; Fairclough, 2001). Tais conceitos, bastante difundidos na literatura de Estudos da Linguagem, Estudos Culturais e Crítica Literária, referem-se à existência de vários textos ou discursos, respectivamente, em um mesmo texto ou discurso. Ou seja, um texto ou um discurso nunca são únicos e inéditos, mas sempre trazem referências (não necessariamente explícitas) a outros textos ou discursos aos quais seus autores tenham sido de alguma forma expostos anteriormente.

Finalmente, a última etapa da análise do discurso, que também fecha a segunda etapa do modelo, que identifica os obstáculos à resolução do problema social, é a análise lingüística. Falar em análise lingüística é algo muito amplo, e, por isso, é preciso que ela seja seletiva e esquemática (Fairclough, 2001). Uma análise lingüística jamais conseguiria dar conta de todos os aspectos lingüísticos de um texto, devendo, portanto, ser delimitada de acordo com o foco da pesquisa.

De qualquer forma, Chouliaraki & Fairclough (1999) e Fairclough (2001) sugerem a utilização da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday & Hasan, 1989) como instrumental analítico para a análise lingüística. Tal teorização considera a linguagem em três dimensões de análise, denominadas metafunções: metafunção textual – o aspecto organizacional do texto; metafunção interpessoal – o entendimento das relações entre as vozes presentes no texto, além das interações entre estas vozes e os seus interlocutores; e metafunção ideacional – a forma como o texto constrói ideias. A análise lingüística deve ainda adotar um caráter multimodal, considerando ilustrações e aspectos gráficos capazes de revelar como semioses não verbais podem atuar na construção do discurso.

Finda a análise lingüística, a última etapa da análise semiótica do discurso, o analista já é capaz de apontar os obstáculos que se impõem à resolução do problema social em questão. Pode, agora, passar à próxima etapa do modelo: avaliar os interesses da ordem social em não resolver o problema.

Nesta etapa, é preciso investigar o porquê do problema, uma vez identificado, ainda não

ter sido solucionado. Na maioria das vezes, um analista não é o primeiro a identificar suas questões de pesquisa. Se outros já tiveram a mesma preocupação, por que, então, o problema ainda não foi solucionado? A resposta para essa minha pergunta talvez seja uma outra pergunta: existe interesse para que o problema seja resolvido? Ou, colocado de forma mais direta: existe interesse para que o problema *não* seja resolvido? Surge aqui a questão das ideologias (Fairclough, 2001).

Uma característica da Análise Crítica do Discurso é identificar possibilidades de superação dos obstáculos. Não basta ter consciência de sua existência, é preciso lutar para vencê-los e atuar na transformação social (Fairclough, 1992), identificando potenciais de mudança na realidade que se apresenta e buscando suas lacunas e contradições (Fairclough, 2001). A próxima etapa do modelo visa, portanto, a identificar algumas dessas possibilidades.

Para concluir uma Análise Crítica do Discurso, Fairclough (2001) sugere que o analista deva refletir criticamente sobre sua própria análise, reconhecendo suas limitações e tendências. Enquanto analista e autor de uma tese de doutorado, meu posicionamento é acadêmico, sujeito a certas ordens do discurso (Fairclough, 2001). Esta etapa da análise também deve procurar resolver esta questão, cuidando para que o trabalho da Análise Crítica do Discurso não seja uma barreira acadêmica à outras práticas sociais, principalmente àquelas que ela se propõe a investigar. Mesmo acadêmico, o trabalho deve ter significância em outras práticas sociais, não podendo, jamais, impor-se como um obstáculo à transformação social (Fairclough, 2001).

4. Considerações finais

Ao revisitar o modelo da Análise Crítica do Discurso, este texto pretende argumentar em favor de sua funcionalidade para a análise de discursos na contemporaneidade. Para justificar esta afirmação, destaco aqui três de suas características. A primeira é o seu cunho sociológico. Suas preocupações sociológicas, alinhadas ao aspecto linguístico do discurso, permitem um melhor entendimento, e até mesmo uma melhor visibilidade, de questões sociodiscursivas que permeiam a contemporaneidade. A segunda é o seu inerente caráter transdisciplinar, o que possibilita uma maior flexibilidade de interação com outros modelos e pressupostos teóricos compatíveis. A terceira é o reconhecimento de sua subjetividade. Trata-se de um modelo teórico-metodológico dentro de um paradigma interpretativista de pesquisa, estando os discursos, portanto, sujeitos a diferentes interpretações de diferentes pesquisadores.

Segundo o modelo, tal fato precisa ser considerado e problematizado.

O modelo, na verdade, não encerra a análise: embora a conclua, também abre novos encaminhamentos.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. [1976] **Aparelhos ideológicos de Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

BAHKTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 4. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

BAHKTIN, M. [1979] **Estética da criação verbal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.

BAHKTIN, M. [1929] **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; BECK, U. & LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, p. 11-71, 1997.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. In: M. WETHERELL, S. TAYLOR & S. J. Yates (eds.) **Discourse as data: a guide for analysis**. London: Sage, 2001, p. 229-266.

FAIRCLOUGH, N. 1996. Technologicalisation of discourse. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. & COULTHARD, M. (eds.) **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 1996, p. 71-83.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FOUCAULT, M. [1979] **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U. & LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 73-133.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. London: Lawrence & Wishart, 1971.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**, volume 1: reason and the rationalization of society. London: Heinemann, 1984.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

KERN, R. **Communication, literacy and language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KRESS, G. Representational resources and the production of subjectivity: questions for the theoretical development of Critical Discourse Analysis in a multicultural society. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. & COULTHARD, M. (eds.) **Texts and practices**: readings in Critical Discourse Analysis. London: Routledge, 1996, p. 15-31.

KRESS, G. & van Leeuwen, T. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold: Routledge, 2001.

KRESS, G. **Reading images**: the grammar of visual design. London, New York: Routledge, 1996.

KRISTEVA, J. [Moi, T. (Ed.)]. **The Kristeva reader**. Oxford: Blackwell, 1986.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MARTIN, J. R. Close reading: functional linguistics as a tool for critical discourse analysis. In: UNSWORTH, L. (ed.). **Researching language in schools and communities**: functional linguistics perspectives. London and Washington: Cassell, 2000, p. 275-302.

PÊCHEUX, M. **Language, semantics and ideology**. London: Macmillan, 1982.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TILIO, R. Gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: ainda tabus? **Caderno de Letras da UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 26, 2010 (no prelo). ISSN 1413-0238.

TILIO, R.; ROCHA, C. H. As dimensões da linguagem em livros didáticos de inglês para o Ensino Fundamental I. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, 48(2), p. 295-315, Jul/Dez 2009. ISSN 0103-1813.

van DIJK, T. A. 1996. Discourse, power and access. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. & COULTHARD, M. (eds.) **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 1996, p. 84-104.

van LEEUWEN, T. 1996. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. & COULTHARD, M. (eds.) **Texts and practices: readings in Critical Discourse Analysis**. London: Routledge, 1996, p. 32-70.

VYGOTSKY. L. S. [1978] **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.